

Geraldinho Nogueira e a (re)invenção do sertão na oralidade caipira: Oralidade e Ensino de História em Goiás.

ISMAR DA SILVA COSTA\*

Propomos, neste texto, apresentar a relevância que o ouvir e o contar histórias podem assumir na vida dos alunos em processo de construção de suas visões de mundo. E o faremos a partir das reflexões surgidas com o desenvolvimento do projeto de extensão: Geraldinho Nogueira: A reinvenção do sertão na oralidade caipira, no qual nos propusemos a provocar nos estudantes um deslocamento de lugares a partir do ouvir e contar histórias, proporcionando pensar a História de Goiás nos casos presentes na oralidade caipira goiana.

O que buscávamos provocar era a valorização da oralidade no ensino de história, tanto regional quanto a estadual. Isso, tendo em vista que a História de Goiás ainda é dependente dos grandes marcos tais como: as entradas e bandeiras, expansão da pecuária, expansão das fronteiras, chegada da ferrovia, enfim, marcos que acabaram por esconder outras formas de compreensão da história que, acreditamos, podem vir a tona com o uso da contação de histórias.

Nessa perspectiva pensar a reinvenção do sertão goiano a partir da oralidade presente na personagem Geraldinho Nogueira, em suas participações no programa televisivo “Frutos da Terra”, apresentado e dirigido por Hamilton Carneiro, nos conduz a uma rearticulação desse lugar-sertão no imaginário social do sujeito goiano. Ao rirmos dos casos, das histórias apresentadas como vivenciadas pelo sujeito narrador nos colocávamos também como sujeitos participantes de seus enredos. Era o ser caipira, o partilhar da identidade ‘goiano pé rachado’ que nos conduzia ao entendimento, compreensão daquela visão de mundo articulada na oralidade rústica do sujeito brejeiro, acostumado a amansar os ouvidos dos outros.

O sertão, ou melhor, o partilhar dessa identidade goiana, construída a partir de alguns lugares comuns, como goiano nos possibilita articular a problemática presente no universo da oralidade como meio de afirmar identidades. O uso da linguagem como

\*UFG/Campus Catalão Doutor em História –UFG, PROGRAD/PROLICEN-UFG.

meio de reafirmar o ser pertencente ao lugar nos indica como se reafirma o processo de construção das identidades.

Nessa busca de compreender a cultura caipira tradicional apresentada pela personagem os elementos que expõe os universos da rusticidade sertaneja, nas formas de embate entre o ser simples e a lida cotidiana somos levados, ao contrário de Pedro Malasarte, a acompanhar odisséias infindáveis que esbarram sempre na incapacidade do sujeito de se adaptar tanto as coisas da modernidade quanto dos enfrentamentos com as forças da natureza. Se para Euclides da Cunha “o sertanejo é antes de tudo um forte” para Geraldinho Nogueira ele é um atrapalhado, um desqualificado para lidar com as novidades presentes, por exemplo, no uso da bicicleta como meio de se locomover pelo sertão. Geraldinho é o anti-herói da modernidade. Levado para a televisão é capaz de reaviver na memória dos sujeitos urbanos o ‘capião’ adormecido nas almas dos sujeitos urbanizados no processo de expansão do capitalismo no campo.

Para quem ele contou/narrou sua vida? Aos desprovidos da experiência da vivência rural ou para os desraizados, arrancados dos seus lugares nos anos marcados pela Marcha para o Oeste, ou para os sujeitos que, apesar de serem marcados e demarcados pela identidade goiana negam esse pertencimento? Afinal quem são os membros dessa comunidade de ouvintes que fizeram de Geraldinho um sucesso de mídia, que se repetiu em suas apresentações ao vivo no teatro, nas vendas de CDs, DVDs por esse Goiás afora?

Pensar em como essa personagem foi capaz de realimentar uma parcela significativa desses sujeitos é pensar no papel da oralidade como instrumento capaz de construir laços de pertencimento em nossa cultura. Assim, pensamos a importância da oralidade no ensino de História a partir da relevância que o ouvir e o contar histórias podem assumir na vida dos alunos em processo de construção de suas visões de mundo. Ao buscarmos nos referenciais da oralidade rústica/caipira/sertaneja de Geraldinho nos propusemos aproximar do universo próximo da experiência desses sujeitos em formação. É o mundo do ouvir como articulador de identidades aproximativas com as gerações anteriores. Qual a importância do idoso nessa comunidade de ouvintes? Qual

a relevância de apreendermos o mundo pelo detalhismo de quem narra uma ‘estória’? Questões que articuladas com o mundo do ensino do ensino formal podem descortinar novas relações entre gerações que estão se distanciando pelo não mais possuímos o tempo.

Buscamos, então para a execução do projeto que originou essa comunicação, justificativa na capacidade que a oralidade tem de enfrentar as novas mídias, as novas tecnologias que distanciam tanto crianças quanto jovens das rodas de causos. É uma proposta de pensarmos a História de Goiás; desde o processo de ocupação do cerrado nos anos de 1930, via Marcha para o Oeste, até a construção de uma ideia de goianidade. Pensamos o que faz de Goiás esse Estado marcado por traços de ruralidades, mas, que ao mesmo tempo, não nos definimos não nos colocamos de que universo rural é esse ao qual nos ligamos. Que goiano é esse caricatura/memória que Geraldinho expressava?

Compreender esses elementos culturais do ser goiano buscando explorar os nossos contadores de causos, a memória dos velhos, articulando a esse universo a fluidez e a aceleração contidos nos processo da informação do mundo virtual podem produzir uma reflexão sobre a dimensão do tempo vivido e do tempo cíclico, capaz de relativizar as buscas pela modernidade em detrimento do apagamento do passado.

Assim, nos importou, a partir do caso específico de Geraldinho levantarmos, mapearmos, contadores/narradores de experiências próximas que dão sentidos a essa nossa comunidade de sujeitos. Nos guiamos por questões tais como: O ouvir, como elemento fundamental da narrativa ainda tem sentido na moderna sociedade da informação rápida?

A partir dessas questões propusemos discutir como, aos poucos, nos distanciamos das rodas de conversa, das contações de causos como elementos fundantes de nossas identidades. Era nessas rodas que íamos aos poucos sendo socializados nas morais, nos medos que criavam os limites tanto espaciais quanto imaginários. Ouvir construía sujeitos que dominavam o conhecimento.

Onde, hoje, podemos encontrar esse conhecimento? Essas foram propostas de pensar a oralidade como produtora de sujeitos organizadores do imaginário social, detentores de saberes e fazeres assentados numa identidade marcada e demarcada como pertencentes a universos que talvez já não tenha mais uma utilidade prática no mundo do conhecimento virtual. Mas e o conhecimento simbólico do mundo já somos capazes de vivermos sem ele? Por isso a importância do sucesso estrondoso de Geraldinho, ao nos colocar frente a frente com nossa cultura caipira/sertaneja/rústica, seja qual for a definição que queiramos dar a ela, é sobre nós mesmo que ele fala. Por mais urbanos, modernos, somos herdeiros desse matuto, de pito na mão, chapéu de palha e pés descalços, ironicamente a nos remeter a configuração híbrida de nossa identidade cultural.

Buscamos responder a questão problema sobre os possíveis espaços da memória e da oralidade em nossa sociedade contemporânea. Qual a importância da escola como espaço de reelaboração de uma memória a partir do saber contar/narrar? Como podemos discutir a história de Goiás a partir dos causos, das lendas, das histórias contidas no universo mágico de Geraldinho?

São essas questões que propusemos inserir no cotidiano escolar para instigar a busca de narradores, contadores de causos que, provocando a curiosidade dos alunos os levem a entender/compreender a cultura como teias de significados (Geertz,1989) que nos amarram todos as suas tramas. Partindo de Geertz que assim define cultura:

O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ,1989:15)

Problematizamos o cotidiano dos sujeitos, fazendo com que eles buscassem nas memórias de família causos, histórias, lendas que nos auxiliariam a pensar essas histórias a partir do quadro de memórias que elas compõem. Assim, inseríamos os

alunos nos enredos tecidos pelas tramas e pelos dramas de seus contadores de história. Buscando reafirmar a importância da oralidade na afirmação de nossas identidades.

Woodward, problematizando sobre processos de construção de identidades, afirma, e nós nos respaldamos nessa afirmativa para estudar a importância da oralidade como elemento afirmativo da identidade que: “a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local” (WOODWARD, 2000:21)

Nessa direção de fortalecimento de uma cultura local é que buscamos construir uma leitura do universo do sertanejo/caipira proposto pela personagem de Geraldinho.

Assim, pautados na afirmativa de Stuart Hall (2000) de que:

“É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.” (WOODWARD, 2000:109)

Esses são dois pontos onde nos apoiamos para pensarmos a importância da reelaboração das histórias de vidas dos sujeitos escolares a partir do ouvir contar, do narrar. Essas narrativas reelaboram pontos de participação nessas tramas culturais, apontando para as visões de mundo desses sujeitos, fortalecendo suas identidades sociais.

Nosso objetivo central, com o projeto era problematizar, a partir da figura emblemática da personagem de Geraldinho, que como frisamos anteriormente, era conhecido não só no Estado de Goiás mas também em alguns outros Estados tais como Tocantins e parte de Minas Gerais; a relevância do conhecimento popular presente nas histórias e causos, restabelecendo assim laços entre uma cultura da palavra escrita com o universo da oralidade. Universo esse tão explorado na literatura de cordel, bem como também presente em algumas figuras televisivas. Buscando produzir uma empatia com

o saber ouvir, para, partindo desse universo da oralidade, construir laços entre a cultura visual dos tempos da internet com a cultura da oralidade.

Assim, o objetivo central foi problematizar a importância do saber ouvir; criando condições de se estabelecer comunidades de contadores de histórias que poderão auxiliar na aprendizagem escolar a partir da história de vida da família, dos círculos de vizinha, da história da cidade, de suas lendas, causos. O objetivo secundário era de desenvolver ações para levar as crianças à compreensão do universo da palavra escrita e da palavra falada.

Na execução fizemos uso do processo de exibição das histórias de Geraldinho, bem como da apresentação de um ator, para, partindo desse universo problematizar com os ouvintes a importância da oralidade, suas formas de construção, a criação do universo cultural. As presenças dessa oralidade em nosso cotidiano.

Ao término das apresentações propusemos oficinas para contextualizar esse universo com o universo da criança buscando nesse, o seu referencial, fazendo com que ele se relacione à situação exposta ou leve a memória de causos e histórias de sua família.

A partir desse universo, traçamos um diálogo com a literatura, a história, a antropologia para discutirmos a formação da identidade nacional, elencando nossas raízes caipiras, assim, os participantes puderam ser levados a construir, pensar textos onde expressaram suas experiências de vivência rural/urbano motivados pela exposição.

Incentivamos os participantes a construir as histórias de vida de suas famílias, buscando nos álbuns de fotografias, e nas memórias os possíveis elos para problematizarmos a importância do ouvir e do contar.

Como resultados esperávamos uma construção/reelaboração dessa comunidade de ouvintes/contadores de história a partir da problematização de suas vivências. Um reelaborar da memória provocada pela inserção de causos e histórias na escola, e no cotidiano dessas crianças.

Também almejamos resultados como a produção de ciclos de leituras e contação de histórias, que poderiam resultar na estruturação de núcleos de oralidades, pesquisando as variadas histórias da região de Catalão; principalmente as de fundo moral e as ‘estórias extraordinárias’, tais como a da “Rita Pó”, tão bem conhecida na Cidade.

Se nos guiamos, pelos caminhos da oralidade, em busca de novas formas de ensinar a História foi tão somente por acreditarmos na máxima proferida por Febvre citadas por Le Goff ao afirmar que:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. [...] Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entajuda que supre a ausência do documento escrito?”(FEBVRE apud LE GOFF, 2003:530)

E nesse processo de busca de novas formas de pensar e ensinar a História é que nos guiamos pelos fios da narrativa para compreendermos a história numa perspectiva assentada na oralidade, onde mais do que reproduzirmos os grandes marcos da história de Goiás, nos fiamos e nos aventuramos pela busca de uma micro-história possível de nos indicar além dos trilhos e das bandeiras. O som presente tanto nos tambores ancestrais dos congadeiros quanto nas falas dos sujeitos detentores de vastos conhecimentos demarcadores e reforçadores de identidades.

#### Referências bibliográfica:

BACZKO, Bronislaw, “Imaginação Social” In: ENCICLOPEDIA EINAUDI, *Anthropos-homem*, volume 05, Porto. Ed. Einaudi- Imprensa Nacional-Casa da Moeda,

1985.

BECKER, Howard. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais,, SP. Hucitec, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, Campesinato Goiano – Três estudos, Ed. Da UFG, Goiania, 1986.

BURITY, Joanildo A. (Org.) Cultura e Identidades – Perspectivas interdisciplinares, D&P Ed.,RJ,2002.

CANDIDO, Antônio.Os parceiros do Rio Bonito.livr.Duas Cidades,São Paulo,6a.ed.1982.

CHARTIER, Roger, Cultura Escrita, Literatura e História, POA: ARTMED Ed., 2001.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas, Ed. Guanabara Koogan AS, RJ,1989.

LE GOFF, Jacques, História e Memória, 5ª Ed. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2003.

LIMA, Nei Clara de, Narrativas Oraís: um,a poética da vida social, Brasília. Ed. Da UnB, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória – a cultura popular revisitada, SP,: Contexto, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.) Discurso Fundador – A formação do país e a construção da identidade nacional, Campinas, SP:Pontes, 1993.

SANTOS, Regma Maria dos, As Marcas da oralidade na escritura: Ler, Escrever e Narrar, In: Revista Estudos de História, Franca, Vol 06 N° 01/99.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.), Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais, Ed. Vozes, RJ , 2000.

SOUZA, Candice Vidal e, A Pátria Geográfica – Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro, Goiânia: Ed da UFG, 1997.

THOMPSON, E.P. Costumes em Comum – Estudos sobre a cultura popular tradicional, SP:Companhia das Letras, 1998.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL